

O POETA CASSIANO RICARDO E A APOSENTADORIA DE ESCRITORES

Caio Porfírio Carneiro

Antes de conhecer pessoalmente o grande poeta Cassiano Ricardo tivemos seguidos contatos telefônicos. Ele foi lançado candidato a Intelectual do Ano de 1965 (Troféu *Juca Pato*), que tinha poucos anos de vida e já se transformara na maior láurea do País conferida a um escritor. A União Brasileira de Escritores premiara, antes dele, Santiago Dantas, Afonso Schmidt e Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde). A *Folha de S. Paulo*, patrocinadora do Concurso, naquela época abria manchetes diárias dando ciência da quantidade de votos apurados. Concorria ele com Guilherme de Almeida e outros nomes de menor expressão.

A obra apresentada por Cassiano Ricardo foi uma coletânea dos seus poemas, intitulada *Poemas Escolhidos*. O seu grande cabo eleitoral foi o escritor Osvaldo Mariano, que logo no início da apuração dos votos, chegados do País inteiro, durante quinze dias, prazo determinado pelo regulamento, trouxe-me um exemplar da obra com uma carinhosa dedicatória do poeta. Foi belamente eleito com 332 votos.

Só vim a conhecê-lo pessoalmente durante a solenidade de entrega do troféu, no auditório da *Folha*, quando recebeu a láurea das mãos de Alceu Amoroso Lima, vencedor do concurso no ano anterior.

- Então você é o Caio Porfírio Carneiro. Muito obrigado por tudo.

- Não fiz nada, poeta. Só a minha obrigação. Você foi eleito por merecimento, pelo seu grande nome e valor.

- Será?

Encontrei-o outras vezes em eventos literários, dos quais não participava muito. Nessas ocasiões sempre me tratava com distinção.



Cassiano Ricardo

Um dia, telefonou-me e me pediu para que eu fosse ao seu apartamento. Queria se aposentar como escritor. Menotti Del Picchia lhe contara que eu cuidava disso com facilidade.

Recebeu-me na sala do seu apartamento, sozinho, sentado numa cadeira de balanço, cercado com seus quadros, bustos, livros e troféus. Sentei-me perto dele e relatei o que ele deveria fazer para conseguir a aposentadoria. Senti então que, à proporção que eu fala-

va, ia desaparecendo aquela gentileza anterior. Praticamente não me encarava. Olhava mais para as próprias mãos, como se as examinasse, fazia-me perguntas um tanto cerimoniais, e repetia:

- Quer dizer, seu Caio, que eu tenho de coletar tudo isso? Juntar todo esse material para me aposentar?

- Exato. Mas não é difícil. Sua obra é grande e conhecida. Posso lhe ajudar. Já fiz isto para muitos outros.

- Quer dizer que eu tenho de ir a essas repartições?

- Tem. É uma exigência do INSS. Mas eu marco dia e hora.

De *quer dizer em quer dizer* vi, claramente, que estava diante de um homem diferente. Pareceu-me que ele queria que eu lhe levasse a aposentadoria pronta, sem se abalar daquela cadeira. Quem sabe um novo prêmio, como o *Juca Pato*.

No correr das minhas explicações, cortou-me:

- Depois volto a lhe chamar.

Aquilo me doeu. Eu não tinha nenhuma obrigação de ir à sua casa para tratar da sua aposentadoria. Levantei-me e mal me despedi:

- Agora, mestre Cassiano, só o senhor indo à UBE. Apenas oriento. O interessado é quem faz tudo.

Não era. Eu quem fazia praticamente tudo, corria as repartições do INSS, sem nenhuma obrigação para isto, só para dar maior prestígio à entidade.

Retirei-me disposto a não mais voltar. E ele não tornou a me telefonar.

Será que naquele momento em que me recebeu no seu apartamento, olhando para as próprias mãos, estaria pensando em escrever mais um belo poema ou esperando que a aposentadoria de escritor lhe caísse às mãos, de repente, pela vontade das musas? Não sei.

Sei que as musas o sacralizaram e perpetuaram seu merecido valor de destaque na história da Poesia brasileira. Mas não conseguiram, infelizmente, aposentá-lo na categoria de escritor. Fazer o quê?

Morreria em 1974, aos 79 anos de idade.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista, poeta, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Apelo - KONYORGÉS

Rosani Abou Adal

tradução para o húngaro de

Lívia Paulini

Pela sua família
pela minha família
pelo povo brasileiro
pelo Brasil
Índia
Rússia
China
América
Europa
Ásia
África
Oceania
Antártida
pelos fracos e oprimidos
pelos beócios e letrados
pelos professores e doutores
pela burguesia
pelos operários e escravos
pelos famintos e gulosos
pelos pobres e ricos
pelo amor de Deus
Mais Cultura e Educação

Családodért
családomért
a brazil népért
Braziliáért
India
Oroszország
Amerika
Európa
Ázsia
Afrika
Oceánia
Antarktida
a gyengékért és elnyomottakért
a jóindulatuakért és tanultakért
a tanítókért és doktorokért
a jómóduakért
a munkásokért és rabszolgákért
az éhezőkért és jólakottakért
az Isten szerelmére
több kultúra és nevelésért!

Lívia Paulini, escritora húngara radicada em Belo Horizonte (MG), é pedagoga, artista plástica, tradutora, fundadora e Presidente Emérita da Academia Mineira Feminina de Letras e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

Rosani Abou Adal é escritora, poeta, jornalista, publicitária e Vice-Presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura anual: R\$ 84,00

semestral: R\$ 42,00

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

AS MANCHETES DO JORNAL NACIONAL

Fernandes Neto

Há muitos anos, desde que acompanhei campanha de assassinato de reputação pela grande mídia, com mentiras globais (TV) e sincronizada ampla repercussão nos veículos da indústria cultural (a cultura é vendida como mercadoria e a mercadoria como cultura: Morin), que não leio Estadão, Folha, Globo etc.

Vejo alguma coisa na internet, bem selecionada, e pronto. Quanto menos Datena e Marcelo Rezende, melhor.

Nunca comentei essa postura com ninguém, porque sei que pouca gente a entenderia.

Eis que, no último dia 13 de março, jornalista que só conheço de nome, fez a síntese da tragédia da indústria cultural brasileira, trabalhando nela: Monica Iozzi. Eis seu pensamento iluminado:

"MEU DEUS!!! QUE MOMENTO TRISTE VIVEMOS. COMO ESTAMOS EQUIVOCADOS, CEGOS. SOMOS UM POVO QUE SE INFORMA APENAS POR MANCHETES DO JN" (O FAMIGERADO JORNAL DA GLOBO, QUE APOIOU A DITADURA DE 64 E TUDO O QUE SERVE AO CAPITALISMO INTERNACIONAL). É claro que a explicação é minha.

Comecei a entender bem o problema após a leitura de *Gramsci* (o jornal burguês qualquer que seja sua cor) é um instrumento de luta movido por idéias e interesses que estão em contraste com os seus), REFERINDO-SE AOS TRABALHADORES.

Na greve dos metalúrgicos de 1979, os jornalistas da Rede Globo aprovaram uma manifesto que começava assim:

"Nós, jornalistas da Rede Globo de Televisão em São Paulo, manifestamos nosso inconformismo diante da maneira com que a direção da emissora vem divulgando o movimento grevista do ABC. A orientação mais rígida, mais inflexível do que nos piores tempos da censura, tem sido no sentido de boicotar as informações referentes ao lado dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que é mais realista que o rei no que se refere à divulgação dos pontos de vista dos patrões".

E concluía assim:

"Esse nosso inconformismo deve chegar ao conhecimento dos companheiros metalúrgicos para que eles não interpretem o noticiário faccioso e patronal da Rede Globo, como fruto do nosso trabalho". (O texto está no meu livro "Jornalismo e Liberdade").

Como é notório, a grande mídia, comandada pela Globo está afim de acabar com a esquerda que tem acesso ao poder, aprimorando sua velha tática denunciada agora por Monica Iozzi e, ontem, pelos jornalistas que cobriam a greve dos metalúrgicos de 1979. Vou voltar ao assunto, mas, desde já, consciente da desproporcionalidade de forças entre os que defendem a liberdade de informação e os que dela se servem para matar a democracia.

Fernandes Neto é escritor, jornalista e ex-professor de jornalismo.



Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Execuções

Cível

Família

Trabalhista

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

Cultura, Adeus...

Rosani Abou Adal

O Ministério da Cultura foi extinto pelo Presidente Interino em exercício, o Vice-Presidente da República Michel Temer, conforme Artigo 1º, V, da MEDIDA PROVISÓRIA Nº 726, de 12 de maio de 2016, com força de Lei, que alterou e revogou as normas da Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, e alterou a organização da Presidência da República e dos Ministérios, no uso das atribuições que lhe conferem os Artigos 79 e 62 da Constituição. Foi publicada no *Diário Oficial da União*, Ano CLIII, Nº 90-B, Brasília - DF, de quinta-feira, 12 de maio de 2016.

O Brasil é o único país do BIRC - Brasil, Índia, Rússia e China - que tem Ministério da Educação e Cultura, os demais possuem cargos diferenciados de Ministro da Cultura e de Ministro da Educação.

Dos 20 países que compõem a América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Estados Unidos Mexicanos, Nicarágua, Panamá, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela), somente Brasil, Paraguai e Uruguai possuem apenas um Ministro para a Educação e a Cultura, os demais países têm os cargos de Ministro da Educação e de Ministro da Cultura. Exceção: Panamá (Diretor Cultural) e México (Secretário de Cultura).

O Ministério da Educação foi transformado em Ministério da Educação e Cultura, conforme Artigo 2º, III. Artigo 4º extinguiu o cargo de Ministro de Estado da Cultura, V. Artigo 6º, VI, transferiu as competências do Ministério da Cultura para o Ministério da Educação e Cultura. O Artigo 8º, III, transformou o cargo de Ministro de Estado da Educação em Ministro de Estado da Educação e Cultura.

Destacamos as alterações na área Cultural, demais setores poderão ser consultados em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2016/2016/MPV/mpv726.htm

Ministério da Educação

O MEC foi instituído pelo presidente Getúlio Vargas, conforme decreto nº 19.402, de 14 de novembro de 1930, com o nome de Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública.

Foi transformado em Ministério da Educação e Saúde, no dia 13 de

janeiro de 1937, pelo Presidente Getúlio Vargas.

O governo de Getúlio Vargas criou o Ministério da Saúde e transformou o Ministério da Educação e Saúde em Ministério da Educação e Cultura - MEC, Lei nº 1.920, de 25 de julho de 1953.

Com a criação do Ministério da Cultura em 15 de março de 1985, pelo Presidente José Sarney, a sigla MEC passou a se chamar Ministério da Educação. O Decreto nº 4.791, de 22 de julho de 2003, estabeleceu a estrutura regimental do MEC e suas áreas de competência.

Em 2016, voltou a ser chamado de Ministério da Educação e Cultura, pelo Presidente em exercício Michel Temer. Mendonça Filho é o Ministro da Educação e Cultura.

Ministério da Cultura

O MinC foi criado conforme Decreto nº 91.144, Brasília, DF, em 15 de março de 1985, assinado e sancionado pelo Presidente José Sarney. O MinC passou a ser responsável pelas letras, artes, folclore e pelo patrimônio histórico, arqueológico, artístico e cultural do Brasil.

O Ministério da Cultura foi transformado em Secretaria da Cultura, diretamente vinculada à Presidência da República, pelo Presidente Fernando Collor de Mello, em 12 de abril de 1990. Após o Impeachment de Fernando Collor, Itamar Franco assumiu a presidência e sancionou a LEI Nº 8.490, DE 19 de novembro de 1992, que transformou a Secretaria da Cultura em Ministério da Cultura, Artigo 21. O Artigo 23 criou o cargo de Ministro de Estado da Cultura.

O governo Fernando Henrique Cardoso sancionou a Medida Provisória 813, de 1º de janeiro de 1995, Capítulo II, Dos Ministérios, Seção I, Da Organização, VI, Artigo 13, que instituiu o Ministério da Cultura. Depois foi transformada na Lei 9.649, de 27 de maio de 1998, que definiu a estrutura do Ministério da Cultura, Seção II, Das Áreas de Competência, VI, Ministério da Cultura, a) política nacional de cultura e b) proteção do patrimônio histórico e cultural; Seção IV, Dos Órgãos Específicos, V, do Ministério da Cultura; além do Conselho Nacional de Política Cultural, da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura e da Comissão de Cinema, até quatro Secretarias.

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou o Decreto nº 4.805, de 12 de agosto de 2003,

cuja EMENTA: "Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e Funções Gratificadas do Ministério da Cultura, e dá outras providências.". Publicado no *Diário Oficial da União*, Seção 1, 13/8/2003, pág.1.

O MinC passou a ter a seguinte estrutura: Ao Ministro foi subordinada uma Secretaria Executiva com três diretorias (Gestão Estratégica, Gestão Interna e Relações Internacionais), seis Representações Regionais (nos estados de Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo) e seis Secretarias: Fomento e Incentivo à Cultura, Políticas Culturais, Cidadania Cultural, Audiovisual, Identidade e Diversidade Cultural e Articulação Institucional.

Em 12 de maio de 2016, o Presidente em exercício Michel Temer extinguiu o Ministério da Cultura.

Ministros da Cultura

Governo José Sarney: José Aparecido de Oliveira (15 de março de 1985 a 29 de maio de 1985), Aluísio Pimenta (30 de maio 1985 a 13 de fevereiro de 1986), Celso Frutado (14 de fevereiro a 28 de julho de 1988), Hugo Napoleão do Rego Neto (28 de julho de 1988 a 19 de setembro de 1988) e José Aparecido de Oliveira (19 de setembro de 1988 a 14 de março de 1990).

Governo Fernando Collor: Ipojuca Pontes (14 de março de 1990 a 10 de março de 1991) e Sérgio Paulo Rouanet (10 de março de 1991 a 2 de outubro de 1992), nomeados para o cargo de Secretário da Cultura da Presidência da República com a extinção do Ministério da Cultura no seu governo.

Governo Itamar Franco: Antônio Houaiss (2 de outubro de 1992 a 1 de setembro de 1993), Jerônimo Moscardo (1 de setembro de 1993 a 9 de dezembro de 1993) e Luiz Roberto Nascimento da Silva (15 de dezembro de 1993 a 31 de dezembro de 1994).

Governo Fernando Henrique Cardoso: Francisco Weffort (1 de janeiro de 1995 a 31 de dezembro de 2002).

Governo Luiz Inácio Lula da Silva: Gilberto Gil (1 de janeiro de 2003 a 30 de julho de 2008) e Juca Ferreira (30 de julho de 2008 a 31 de dezembro de 2010).

Governo Dilma Rousseff: Ana de Hollanda (1 de janeiro de 2011 a 13 de setembro de 2012), Marta Suplicy (13 de setembro de 2012 a 11 de novembro de 2014), Ana Cristina Wanzeler - Interina (13 de novembro de 2014 a 31 de dezembro de 2014) e Juca Ferreira (1 de janeiro de 2015 a 12 de maio de 2016).

Governo Michel Temer: Extinguiu o cargo de Ministro da Cultura.

Adeus, MinC.

Nossa luta continua para que o Ministério da Cultura volte a ser, de fato, um Ministério individualizado, como bem merecem o País e a Cultura brasileira.

Estamos em luto pela Cultura, pelos escritores, artistas, pelo povo brasileiro e pela nossa Pátria.

Adeus, Cultura... Até breve!

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista e Vice-Presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.



OCTÁVIO BRANDÃO, UM PATRIOTA NA ACEPÇÃO DA PALAVRA...

Geraldo Pereira

"Contribuir para dotar o Brasil, com uma riqueza imensa – o petróleo. Mas, não tenho trabalho, nem saúde, nem aposentadoria. Só aos 80 anos de idade é que consegui um 'benefício', por velhice, rende, por mês, apenas meio salário mínimo 384 cruzeiros e é tudo."

Pobre Brasil, como é possível tanta ingratidão!

Vou falar um pouco sobre Octávio Brandão: Nas terras alagoanas, precisamente na cidade de Viçosa, ele nasceu em 12 de setembro de 1896. Octávio foi o primeiro brasileiro a pesquisar petróleo, tinha 20 anos e uma profunda preocupação com o futuro da sua Pátria, quando deu início a uma dezena de excursões por todo o seu estado natal, percorreu mais de 1.500 quilômetros, sendo 600 a pé.

O objetivo era "estudar a Terra e o Homem, pesquisar a Natureza Viva, o Povo e a História, descobrir as riquezas naturais em geral e o petróleo em particular, investigar a formação e o desenvolvimento da Terra e as condições de vida do Povo", nos diz Octávio Brandão, no seu livro 'Canais e Lagoas'.

Em Viçosa, também, nasceram os seus primos Teotônio Vilela e o Cardeal Avelar Brandão Vilela. Lembrando que, Viçosa também nos deu o atual Ministro da Defesa e ex-presidente da Câmara dos Deputados, nosso estimado Aldo Rebelo.

'Canais e Lagoas', seu primeiro livro, foi saudado pelos grandes intelectuais da época, mereceu do saudoso Lima Barreto, as seguintes palavras: "Em Canais e Lagoas, Octávio Brandão mostrou-se capaz de profundos estudos de Geologia, Mineralogia, Climatologia e, aqui e ali, denuncia um etnógrafo de valor,

um analista de usanças, de costumes e folclore." Enquanto o historiador Rocha Pombo, afirmava: "Octávio Brandão é uma grande alma aberta para os amplos horizontes, em que anda vivendo. Tem muito a dar-nos, dos heroísmos que lhe temperam o grande sentimento de amor à Terra e à lúcida inteligência com que encara a Natureza." O grande Monteiro Lobato nos diz que: "Octávio Brandão, formará ao lado de Euclides da Cunha, como magnífico interprete da alma da raça e da alma da terra, conjugando o sábio com o poeta, ambos senhores de largo voo".

Não podemos esquecer que o famoso livro 'O escândalo do Petróleo', de Monteiro Lobato, ele dedicou a Octávio Brandão, de quem era um grande admirador, e na homenagem escreveu: "Há mais de um quarto de século, um menino de vinte anos, filho do Norte, lançou um livro caótico, meio ciência, meio hino divinatório, o mais profundo grito d'alma do seu tempo e o menos ouvido e compreendido. Considerado 'louco', foi perseguido, difamado, escorraçado de sua terra. Mas, suas palavras ficaram – e quero que na entrada deste livro figurem algumas que cito com profunda emoção."

Foi o escritor Permínio Ásfora que me aproximou de Octávio Brandão, através de uma palestra que ministrou em Maceió, em 1946, publicada numa revista literária do Recife. Sobre a importância desse grande brasileiro, que naquele ano regressava à sua Pátria, depois de 15 anos de exílio. Octávio, com a esposa a poetisa Laura Brandão, tinham sido deportados para a Alemanha, em junho de 1931, pelo governo de Getúlio Vargas. A foto nesta matéria é do casal a bordo do vapor alemão Weser que os levou depor-

tados para a Alemanha em companhia das três filhas: Sátva, Vólia e Dionysya.

Tive a imensa satisfação de gozar da amizade do velho Octávio Brandão, exemplar ser humano, patriota admirável. Quantas e quantas vezes almoçamos em nosso apartamento na Tijuca. O apartamento era térreo, um pequeno jardim com flores, uma goiabeira nos proporcionava uma sombra amiga. Duas cadeiras e um papo gostoso, com Octávio, lembrando a cada instante da esposa querida, a poetisa Laura Brandão, que com ele passou toda a Segunda Grande Guerra Mundial, na União Soviética e lá descansa eternamente. De quando em quando Octávio levantava-se caminhava entre as flores e com a voz embargada pela saudade, dizia: "Laura gostava muito da natureza. Essas flores me lembram muito de Laura. Ela descansa num cemitério em Moscou. Sinto muito a falta dela."

Em 1968, a ditadura militar vivia a plenitude do arbítrio. Encontro Octávio no Largo da Carioca, falando alto para um grupo, como se estivesse na tribuna, gesticulava muito, convidava os presentes a se rebelarem contra a ditadura militar. Cumprimentei-o: "Vamos almoçar, vamos almoçar!" Ele corria um super risco de ser pego e torturado ali mesmo, e quem sabe mais tarde assassinado, quando os órgãos de repressão descobrissem quem ele era.

Acompanhei com vivo interesse o lançamento do seu livro "Os Intelectuais Progressistas", editado pelo velho Antônio Simões dos Reis, grande amigo, também de saudosa memória.



Octávio e família no navio Weser

arquivo Geraldo Pereira

Em 1954 e dois anos após "O Niilista Machado de Assis. Os machadianos 'caíram de pau' em cima do autor.

Octávio Brandão, com Minervino de Oliveira foram os dois primeiros parlamentares comunistas do Brasil. Ambos foram eleitos intendententes (vereadores), em 1921 Ambos foram eleitos para a Câmara de Vereadores do Distrito Federal, como se chamava antigamente a cidade do Rio de Janeiro. Em 1946, após o seu regresso de quinze anos de exílio, Octávio se elege vereador.

Recorro às memórias de Octávio, no seu livro Combates e Batalhas, editado pela Editora Alfa-Ômega, em 1978, primeiro volume, o segundo não foi editado dado ao seu falecimento:

"Aos oitenta anos de idade, dos quais 65 de lutas, depois de tantas vidas vividas, numa só vida, creio que tenho o direito de evocar as recordações. Fazer o balanço dos combates travados e experiências vividas – em vista do presente e do futuro. Faço, também, uma prestação de contas ao povo brasileiro e ao proletariado internacional!". [...] No final de tantos combates e batalhas, reafirmo categoricamente: "A causa pela qual me bati é ideologicamente justa e moralmente nobre! Tive alegrias na vida. Quais?"

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO – COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br
via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:
Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

"O amor sublime de Laura Brandão. As seis filhas. Os sentimentos elevados que encontrei nos amigos, camaradas e nobres amigas. O convívio com os operários, o estudo das obras de Marx, Engels e Lênin – os três maiores Mestres de toda a Humanidade. As vitórias do socialismo na União Soviética e nas democracias populares. A marcha dos movimentos nacional-libertadores da Ásia, África e América Latina."

"Mas, a vida é feita de contrates. Tem o sim e o não. O verso e o reverso. Passei momentos felizes. Mas, não tive uma existência venturosa. E como poderia ser feliz, nas condições do Brasil pré-capitalista e do mundo burguês atual?"

"Além disto, as mortes de minha mãe e a de Laura são como um lamento infinito."

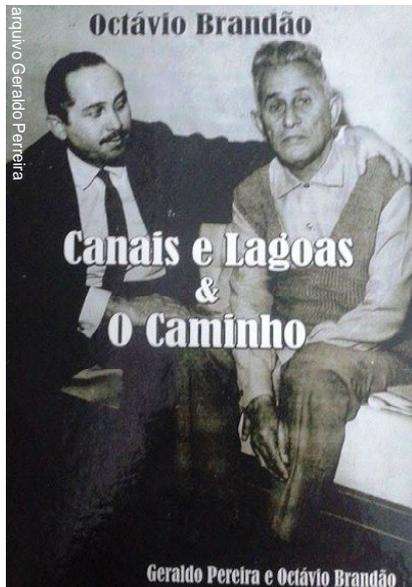
"Dei tudo ao Brasil, sacrifiquei a saúde e a liberdade. Arrisquei a vida muitas vezes, mas não encontrei Justiça nem compreensão."

"Vivi num ambiente de pobreza econômica, dificuldades financeiras, perseguições políticas, preterições sociais, dores morais, injustiças intelectuais. A existência consumiu-se no trabalho, na paixão, na amargura, no esforço penoso. Mas, em vista de algo historicamente necessário."

"Não vivi num manso lago azul, pelo contrário. Coube-me uma vida dura, difícil e dolorosa. Quando? Onde? Nas lutas, no ambiente atrasado do Nordeste em 1912-1919. Durante os quatro anos de estados de sítio no Brasil, em 1922 – 1926. Na guerra mais terrível de todas de toda a História Universal – a guerra da Alemanha nazista contra a União Soviética 1941-1945."

"Vítima de um processo monstruoso por ideias e não por delitos, em 1948 – 1960. No meio de tremendas atribulações, em 1964 – 1977."

"Por amor aos ideais de libertação do Brasil e da Humanidade, agüentei 17 prisões, a mais profunda solidão e as piores masmorras: a chamada 'geladeira' na Polícia Central, o 'necrotério' e os 'sete círculos do inverno', na Casa de Detenção no Rio de Janeiro. Poderia ter 50 prisões – por ideias – dezenas de vezes a polícia política invadiu meu lar, revolveu tudo. Mas não



me encontrou. Suportei 4 anos de Estado de Sítio no Brasil, 4 anos de expurgos de Stalin, e 4 anos de guerra fascista hitleriana contra o país do socialismo. Afrontei mais de 15 anos de exílio na Europa. Voltei ao Brasil, vivi proscrito 8 anos dentro da própria pátria. Fiquei exilado de Alagoas, minha terra natal, durante 41 anos. Senti, pois, durante tantos anos a nostalgia do Brasil e a saudade de Alagoas."

"Tive cassado o mandato de vereador. Suportei 8 anos de vida ilegal, clandestina e subterrânea, de 1950- 1958. Sem ter cometido nenhum crime, fui cassado e acossado por bando de espíões. Sujeito a um mandato de prisão preventiva e a muitos anos de cadeia. Sem poder trabalhar, sem dinheiro, largado, desamparado, doente, na pobreza, mas humano, sempre firme e inquebrantável!"

"Contribuí para dotar o Brasil, com uma riqueza imensa – o petróleo. Mas, não tenho trabalho, nem saúde, nem aposentadoria. Só aos 80 anos de idade é que consegui um 'benefício', por velhice, rende, por mês, apenas meio salário mínimo 384 cruzeiros e é tudo."

Pobre Brasil, como é possível tanta ingratidão!

Relembrar este velho e querido amigo me deixa muito feliz. Octávio foi um dos melhores filhos que a Pátria brasileira produziu aos longos dos seus 516 anos.

Geraldo Pereira é escritor e jornalista.

PÉS

Flora Figueiredo

Conheço minhas pegadas de tanto ir e vir.
 Às vezes, pisam fundo
 como carregassem o peso do mundo;
 às vezes, ficam amassadas
 sob o descuido das outras pegadas.
 Sobre elas, a lua nova desdobra sua saia
 em cena de nudez no chão da praia.
 Só perco meus passos na maré cheia:
 essa mania do mar tirar seus sapatos sobre a areia.
 Conheço bem minhas pegadas.
 Sou capaz de identificá-las em qualquer lugar.
 Se ao menos eu soubesse aonde vão me levar...

Flora Figueiredo é escritora, poeta, jornalista, cronista, compositora e tradutora.

SER MÃE

Débora Novaes de Castro

Ser mãe, é dádiva sagrada e pura,
 missão perene, ao exaurir dos anos;
 um ser de graça e angelical finura,
 seja em batalhas ou nos desenganos.

É ser um guia, um forte na postura,
 guerreira, em terras e nos oceanos;
 é modelar no pó, que não perdura,
 valores nobres, mores soberanos.

É ser prudente em águas de pujaças,
 a viga forte em pontes de tardanças,
 calcando o selo dos valores seus.

É desfraldar as velas de esperanças,
 e nas procelas e gentis bonanças,
 dizer, ao filho, que o fanal

Débora Novaes de Castro, da Academia Cristã de Letras, Academia Paulista Evangélica de Letras e Mestre em Comunicação e Semiótica - Puc-SP.

LIVRARIA BRANDÃO

Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
 Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
 oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br

Literatura Técnica entrevistando João Barcellos

Cristina Jordão

Utilizei o ensaio-palestra “Indústria Digital”, que depois virou mais um livro de João Barcellos, para dar corpo a uma tese acadêmica. Mas a poética com que ele fala e escreve sobre tecnologias deixou-me na espera de uma entrevista. Quando? Quase embarcando na ponte aérea Sampa-Rio vi aquele senhor andando calmamente pelo saguão. E aquela barbicha de ‘kung-fu’ era inconfundível: “É ele, o escritor”, foi o que pensei. Chegando mais perto, embora certa, perguntei se era ele. “Ah, eu mesmo!”, respondeu. Identifiquei-me e ele lembrou da minha solicitação para utilizar o ensaio-palestra na tese. Disse-lhe que tinha uns minutos e se poderia, então, conceder-me uma entrevista. Sentamos no bar e eu registrei:

CJ – Professor, como é ser um fazedor de conteúdos históricos e tecnológicos?

JB – É abrir a bagagem de mais de 40 anos de atividade literária, historiográfica e editorial, adicionar conhecimentos gerais e experiências profissionais entre têxteis e eletromecânicos, e, enfim, reinventar dia a dia a linguagem da comunicação social.

CJ – Assim, até que parece fácil...

JB – Só parece, menina. Você é uma jovem professora e só vai perceber se é fácil ou não com a maturidade profissional.

CJ – Percebi a dificuldade para formular a minha tese acadêmica, e ainda tive que ligar para o senhor confirmando dados (Ele ri e aponta o dedo para o meu nariz como que a dizer “está vendo”). Acerca deste segmento da Comunicação Visual (que você defende, também em livro, ser uma indústria de conglomerados como têxtil, têxtil digital, moda, serigrafia, solda eletrônica, tampografia, enfim...), você escreveu cinco livros, hoje esgotados. Foi bom o resultado?

JB – Muito bom, porque pude publicitar a minha opinião em meio a definições tecnológicas e provar



divulgação

João Barcellos

que tudo o que vestimos e calçamos, ou estampamos, é comunicação visual. Mais: provei que os segmentos da Comunicação Visual ainda não têm uma cultura industrial própria, por isso a desinformação que grassa por aí!

CJ – É mais uma informação de catálogo...

JB – ... Ah, ah, ai..., quando tem catálogo!

CJ – Por que falta literatura técnica nos segmentos da Comunicação Visual?

JB – Mesmo quando viajam, os empresários não se preocupam em adquirir livros técnicos. Eu e a Editora Sertec somos os pioneiros por aqui pela continuidade das publicações.

CJ – O senhor se acha isolado?

JB – Já teve empresário que me disse serem os livros técnicos uma perda de tempo. Infelizmente, é a maioria que diz isso. Uma nova onda empresarial está tomando o curso da indústria brasileira também nestes segmentos, por isso sigo em frente.

Última chamada para o voo de Curitiba e João Barcellos vai encontrar de outros jornalistas para mais uma missão no meio da Comunicação Visual. Sinto-me honrada e dou a notícia às minhas colegas. Um *hit* numa madrugada de garoa na Sampa.

Cristina Jordão – Professora de Artes Visuais. Aeroporto de Congonhas, Março de 2016.

O FERUZ CÍRCULO DO HOMEM

Ely Vieitez Lisboa

O romance “O Feroz Círculo do Homem”, de Carlos Nejar, Editora LetraSelvagem, foi lançado dia 12 de junho de 2015. Conhecia, de há muito, o grande poeta. Interessei-me pelo livro.

O Capítulo Primeiro assim se inicia: “Saí de um ovo de dentro da morte. Agora estou vivo e não careço da morte para nada. Nem para ela mesma”. A abertura é um aviso, um desafio ao leitor, que enfrentará um livro difícil, profundo, metafísico-filosófico, sem preocupação com a verossimilhança, como se todo o romance fora uma metáfora.

Há resquícios narrativos, com alguns dados do personagem e seu mundo: “Moro em Pontal de Orvalho”, “... eu, Tibúrcio Dalmar; fala de um rio cortado por uma floresta (...) frequentada por tigres, leopardos e outros bichos.

O livro, no entanto, é um Cântico sobre a Palavra, que é eterna. Seguem inúmeras alusões literárias, dos filósofos gregos até autores modernos, comprovando a notável erudição do autor. E nosso narrador, no seu mundo bizarro, diz: “Quando menos esperei, assumi a chefia dos arquivos dos mortos nos vasos com as sombras das almas”. Poder-se-ia falar em Realismo Fantástico, mas todo o livro é prenhe de mistérios, tão insólitos que levam o leitor a perquirir: Que gênero literário é este?! O narrador parece um poeta enlouquecido, que, brilhantemente, semeia seus versos, sem continuidade, como poemas esparsos, em enorme campo de possibilidades.

Há capítulos belíssimos que são verdadeiras parábolas, como na página 34, do Capítulo Primeiro. Há em todo o livro, definições e assertivas metafísicas sobre a vida, a morte, a alma e Deus. De vez em quando, uma afirmação notável e inusitada: “O maravilhoso é filhote do impossível” (pág.

61). Ou: “Tudo vê o amor e as almas se defendem como pérolas dentro das ostras”. Ou ainda: “Vou empalhar a morte como um passarinho” (pág. 62).

O narrador confessa, na página 67, “que narra em parábolas, por vezes, ou fábulas”, o que exige do leitor uma análise profunda para entendê-las. Há grandes definições como a de ficção: “Tudo que se inventa, passa a ser verdade. (...) A invenção da palavra é a invenção da verdade. Só o amor adoece, a palavra não. Ela cura” (pág. 69).

Em meio aos conceitos notáveis, originais, o narrador introduz várias personagens pitorescas, que enriquecem a narrativa. A citação de Padre Vieira, na página 81 (“As palavras são estrelas”) dá grande ênfase

no romance, ao cantar a Palavra, como se o livro todo fosse um poema encomiástico ou laudatório. E seguem as alusões literárias variadas e riquíssimas.

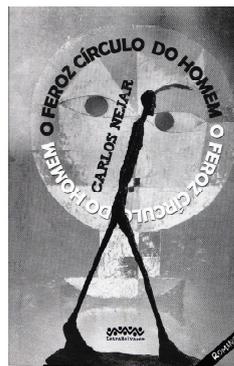
Nas páginas 130 e 131, o narrador afirma que as almas são como poesia, intraduzíveis e fecha o capítulo com a belíssima alegoria das almas subindo de encontro às estrelas.

Para entender toda a riqueza do romance-poema “O Feroz Círculo do Homem” aconselha-se a leitura

cuidadosa do belo texto da autoria de Miguel Jorge, nas orelhas do livro. Ele menciona, no romance de Nejar, a técnica do contraponto e o rompimento das tradições, como James Joyce; ou ainda, a busca das premissas alicerçadas nas teorias dos grandes filósofos da humanidade. O excelente Posfácio de Diego Mendes Sousa enriquece muito a leitura da obra.

O romance (sinfonia, ensaio filosófico, poema maior ou qualquer termo que tente batizar o livro) é, na realidade, um Cântico à Palavra, um louvor, um hino. “E sou encantado de Deus” é a chave de ouro no final do romance de Carlos Nejar. Ela exprime tudo sobre a obra, que é puro alumbramento.

**Ely Vieitez Lisboa é escritora.
E-mail: elyvieitez@uol.com.br**



Sobre a Arte Maior e Ana Amélia Diniz Camargos

Fábio Lucas

A Arte, nos primórdios do pensamento grego, caracterizou-se pela busca e realização do Belo. A noção de Beleza provinha do respeito e da reverência aos artistas consagrados. A aristocracia ateniense chegava a divinizar os, elevando-os à dignidade de Deuses, dado o seu poder criador e potencial de resistir à erosão do tempo. Daí, entre as virtudes se incluía a habilidade em imitá-los, de tê-los na modalidade de mestres e exemplos.

Na entrada do século XXI, em que os trabalhos artísticos miram o comércio e a função decorativa, visam ao público consumidor, a Arte mal resiste às solicitações do espetáculo. Os "egos" se dispõem a exibir-se ao primeiro apelo.

Somente os artistas excepcionais cultivam o prazer do olhar descobridor, fundante do objeto na sua plenitude. Apela para os observadores críticos, desinteressados, capazes de reconhecer o lado edificante da obra, fruto do gesto autóctone, original e solitário do autor.

Temos, com a empolgante atividade artística de Ana Amélia Diniz Camargos, especial militância do olhar. Uma espécie de fuga intencional do cânone na busca do fator comunicativo dos objetos dispostos ao acaso, não obstante localizados no habitat: irradiador de beleza. O achado consciente constitui verdadeira conquista estética. Mais ainda quando Ana Amélia interfere na feição do objeto e acrescenta-lhe a forma, dando-lhe contornos de beleza plástica. Deslocamentos desse gênero agregam maravilhas ao meio e ao objeto. Testemunham a criatividade original de Ana Amélia, valor inquestionável da Arte Mineira, filha do surpreendente paisagismo ambiental das Alterosas. Promove a interatividade das expressões estéticas, ativa cores, luzes, sombras, vozes e silêncios, com espantosa energia vital.

Fábio Lucas é escritor, professor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Mineira de Letras.

CHÁ BENEFICENTE DA FUNDAÇÃO DORINA

O Chá Beneficente anual, que visa arrecadar fundos para projetos de inclusão de pessoas com deficiência visual da Fundação Dorina Nowill para Cegos, será realizado no Terraço Itália, dia 6 de junho, segunda-feira, às 15 horas.

O evento, oferecido pelo Grupo Comolatti, conta com apoio de grandes marcas que doaram prendas para o bingo, ponto alto do evento. O convite custa R\$ 100 e acompanha uma cartela para participar do bingo que terá prêmios que variam de R\$ 100 a R\$ 800. Os ingressos estão à venda somente na Fundação Dorina, pelos telefones (11) 5087-0978 e 5087-0943. E-mail: campanhas@fundacaodorina.org.br

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

Livros

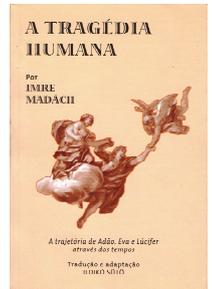
A Tragédia Humana: A Trajetória de Adão, Eva e Lúcifer através dos tempos, teatro, de Imre Madách, tradução e adaptação de Ildikó Sütö, Netebooks Editora, São José dos Campos, SP, 318 páginas. ISBN: 978-85-63120-65-6.

Imre Madách (1823 - 1864) é escritor, poeta e dramaturgo húngaro. Autor de *Os últimos de Csák*, *Apenas brincadeira* e *Marido e Mulher*.

Ildikó Sütö é escritora e tradutora.

A obra, escrita em 1860, publicada em vários idiomas, já foi traduzida para o português por Paulo Rónai e Geir Campos.

Netebooks Editora: www.netebooks.com.br



Vida e Obra do Plagiário Paulo Francis - O Mergulho da Ignorância no Poço da Estupidez, Fernando Jorge, Geração Editorial, terceira edição revista e aumentada, São Paulo, SP, 568 páginas. ISBN: 978-85-8130-345-1.

O autor, escritor, jornalista, biógrafo e historiador, foi agraciado com o *Prêmio Jabuti* da Câmara Brasileira do Livro e com o *Prêmio Clío*, da Academia Paulista de História, pela obra "Getúlio Vargas e o seu tempo".

A primeira edição foi lançada em 1996, quando Paulo Francis ainda era vivo.

Fernando Jorge analisa e faz críticas aos textos e vida do jornalista, aponta os plágios "intermináveis", os erros gravíssimos praticados - bem documentados - e as injustiças cometidas por Paulo Francis.

Geração Editorial: www.geracaoeditorial.com.br

Atas da Padaria Espiritual, transcrição e atualização ortográfica por Sânzio de Azevedo, Expressão Gráfica e Editora, Fortaleza, CE, 98 páginas. ISBN: 978-85-420-0706-0.

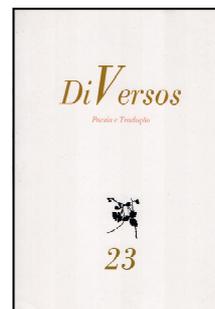
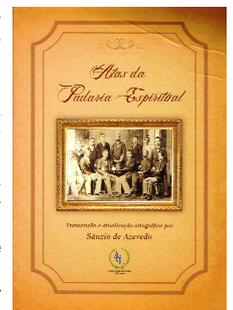
A coordenação editorial é de Regina Pamplona Fiuza. A obra foi editada para a Academia Cearense de Letras.

Segundo José Augusto Bezerra, Presidente da Academia Cearense de Letras, "Este achado proporcionou-nos grande emoção e, ao mesmo tempo, presenteou nossa historiografia com obra única e de insuperável importância."

Para Sânzio de Azevedo, "É inestimável o valor das resenhas das sessões dessa que foi a mais importante de todas as agremiações culturais do Ceará no século XIX.

Gráfica Expressão: <http://www.graficaexpressao.com.br/>

Academia Cearense de Letras: www.academiacearensedeletas.org.br



DiVersos - Poesia e Tradução, nº 23, dezembro de 2015, editada e coordenada por José Carlos Marques, Edições Sempre-Em-Pé, Portugal, 160 páginas. ISSN: 1645-474x.

A revista reúne trabalhos de Alfredo Ferreiro, Anderson Braga Horta, Aricy Curvello, Deodato Santos, Francisca Soteklin, Greta Benitez, Guido Gozzano, Isabel Cristina Pires, Izabela Orlandi, Jorge Reis-Sá, Luís Quintais, Michalis Ganás, Paulo Borges, Paulo da Costa, Paulo Malekith, Reiner Kunze, Remco Campert, Ricardo Lima, Wladimir Saldanha e Zlatka Timenova.

Edições Sempre-Em-Pé: www.sempreempe.pt



Raquel Naveira

Raquel Naveira, colaboradora do *Linguagem Viva*, foi nomeada curadora da 32ª Feira do Livro de Brasília, que será realizada de 1 a 10 de julho, no Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade, em Brasília (DF). A 32ª Feira do Livro de Brasília, que tem como slogan "Meu mestre, Meu livro", foi lançada no dia 27 de abril no auditório da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação. Raquel Naveira é escritora, poeta, advogada, professora, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, Doutora em Literatura Portuguesa na USP, membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do PEN CLUBE DO BRASIL.

Sérgio Gerônimo lança o livro de poemas *Mary Columbus*, pela Oficina Editores, com apoio da Associação de Poetas Profissionais no Estado do Rio de Janeiro, no dia 23 de maio, às 19h30, no Bar do Ernesto, Largo da Lapa, 41, Lapa, no Rio de Janeiro.

A Fundação Biblioteca Nacional disponibiliza em seu acervo a coleção completa do jornal *Linguagem Viva* para consulta. Doamos as edições que faltavam, no início do mês de maio, para o Depósito Legal. Também será providenciado o levantamento dos números faltantes no setor de periódicos da Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

Colaboradores e amigos do *Linguagem Viva* se reuniram para almoço no dia 3 de maio, no restaurante do Bar Brahma, Av. São João esquina com a Av. Ipiranga, em São Paulo. Estiveram presentes Alaer Garcia, Cacildo Marques, Caio Porfírio Carneiro, Djalma Allegro, Fernando Jorge, Geraldo Pereira, Humberto Emiliano, João Meireles Câmara, Maria de Lourdes Alba, Odete Mutto, Raimundo Farias de Oliveira, Roberto Scarano, Rosani Abou Adal e Rui Ribeiro.

Notícias

A 24ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, promovida pela Câmara Brasileira do Livro, será realizada de 26 de agosto a 4 de setembro, no Pavilhão de Exposições do Anhembi, Av. Olavo Fontoura, 1.209, em São Paulo. Horário de Visitação: Segunda à sexta-feira, das 9h. às 22h. (com entrada até as 21h.); Sábados e domingos, das 10h. às 22h. (com entrada até as 21h.); Dia 4 de Setembro, das 10h. às 21h. (com entrada até às 19h.). Preço dos Ingressos: 2ª feira a 5ª feira, R\$ 20,00 e 6ª feira a Domingo, R\$ 25,00. Meia-entrada: Estudante, funcionário SESC e comerciários. Menores de 12 anos e maiores de 60 não pagam ingresso. www.bienaldolivros.com.br

Alaor Barbosa tomará posse na Academia Brasiliense de Letras no dia 23 de maio, às 20 horas, na sede da Associação Nacional de Escritores, em Brasília, Quadra 907 Sul. Ele ocupará a Cadeira XXIX.

Ronaldo Werneck publicou uma série de crônicas sobre a entrevista de Rosário Fusco que ele e Joaquim Branco fizeram para o jornal *Pasquim*, em 1976, no seu blog, www.ronaldowerneck.blogspot.com.br/

Bau da Saudade Paraguaçu - Memórias do grande compositor e seresteiro paulista, organizada por Neide Lopes Ciarlariello, será lançada pela Editora Matarazzo, no dia 21 de maio, das 10 às 15 horas, no restaurante Di Cunto, Rua Borges de Figueiredo, 61, Mooca, em São Paulo.

A Festa Literária Internacional de Paraty, que será realizada de 29 de junho a 3 de julho, homenageará a poeta Ana Cristina César (1952-1983). <http://flip.org.br/>

Escrever e Argumentar, de Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias, foi lançado pela Editora Contexto. A obra aborda a argumentação na produção escrita de forma simples e didática.

A Livraria Saraiva inaugurou, no dia 28 de abril, loja com 800m² no segundo piso do Shopping Nova Iguaçu, próximo à praça de alimentação, na cidade de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro.

Mariana Ianelli lançou o livro de poemas *Tempo de Voltar*, pela Editora Ardotope.

Menalton Braff lançou *O Peso da Gravata e outros contos*, pela Primavera Editorial.

Reinações de Narzinho, de Monteiro Lobato, foi lançado pela Globo Livros. Projeto gráfico e ilustrações são de Eloar Guazzelli.

Sonia Netto Salomão, professora na Universidade de Roma La Sapienza, lançou *Machado e o cânone literário*, pela Eduerj.

Aroldo Pereira lançou a segunda edição do *parangolivo* no "Poesia de Segunda-30 anos do Salão Nacional de Poesia Psu Poético", em Januária (MG).

O 30º Salão Nacional de Poesia Psu Poético, coordenado por Aroldo Pereira, divulgou a lista dos homenageados, no dia 12 de junho, na sala de reuniões da Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros-MG. Foram escolhidos os poetas Adilson Cardoso, Cláudio Bento, Waldemar Euzébio, Ronald Augusto, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral e Evelyn Julia Silva.

O PEN Clube do Brasil, presidido por Cláudio Aguiar, realizou evento comemorativo aos 80 anos da entidade no dia 25 de abril, no Salão Nobre do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro. O livro *PEN Clube do Brasil 80 Anos (1936-2016) - Literatura e Liberdade de Expressão*, foi oferecido aos sócios e convidados que prestigiaram a solenidade.

Benedita Azevedo, presidente da Academia de Ciências, Letras e Artes de Magé e Delegada da Associação Profissional de Poetas no Estado do Rio de Janeiro, será homenageada na 1ª Feira do Livro do Autor e Editor Maranhense, dia 25 de maio, às 20 h., em São Luís (MA).

Salim Miguel, escritor, contista, romancista, jornalista, editor, crítico literário e intelectual, faleceu no dia 22 de abril, aos 92 anos, em Brasília. Nasceu em Kfarssouron, no Líbano, em 30 de janeiro de 1924. Autor de *A morte do tenente e outras mortes*, *Vida Breve de Sezefreno das Neves*, *Mare Nostrum e Nur na Escuridão*. Dirigiu a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUfsc) e a Fundação Franklin Cascaes. Em 2002 recebeu o título de Doutor honoris causa da Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc). Foi agraciado com o *Prêmio Machado de Assis* da Academia Brasileira de Letras, em reconhecimento ao conjunto de sua obra, e com o *Prêmio Juca Pato* da União Brasileira de Escritores.

Sânzio de Azevedo, figura de grande projeção nacional, é autor do volume "Parnasianismo", da Coleção Roteiro da Poesia Brasileira, lançado pela Editora Global.

Aricy Curvelo teve os poemas *tudo, às vezes, aqui não mais aqui, agora não mais agora, só, o poeta discursador, quando, fundamento, conjuntura, recomeçar e acampamento* publicados na revista *DiVersos - Poesia e Tradução*, que circula em Portugal.

Raquel Alves assumiu a direção geral Instituto Rubem Alves.

Urda Alice Klueger lançou *No Tempo da Ana Bugra*, livro de memórias, pela Editora Hemisfério Sul.

Rosângela Oliveira Guimarães lançou *Todos Por Um - Edições de Alexandre Dumas no Brasil*, tese de doutoramento, coleção Memória Editorial, pela Editora Com-Arte do Laboratório da Escola de Comunicações e Artes da USP. A obra aborda a história da editoração dos romances-folhetins de Alexandre Dumas no Brasil no século XX, sua produção e recepção.

xavierlima@terra.com.br
xavierdelima1@gmail.com
(14) 3731-9471
(14) 99161-0675 (Claro)
(11) 97958-6182 (Tim)
www.xavierdelimat.wix.com/xavi

